

AUTOFICÇÃO E HISTÓRIA EM *O IRMÃO ALEMÃO*

Maria Isolina de Castro Soares (Ufes)¹

Resumo: Este artigo discorre sobre a relação entre ficção e realidade no romance *O Irmão Alemão* (2014), de Chico Buarque, postulando a necessidade de um novo conceito de ficção para abarcar obras que, como a em questão, veiculam fatos biográficos na trama ficcional. Discorre, também, a respeito da presença de dados históricos nas obras de ficção, em especial aos referentes a eventos-limite em que as pessoas são destituídas de toda humanidade. Nessa perspectiva, a literatura faz um pungente testemunho da história de seres que não têm lugar na história oficial.

Palavras-chave: Ficção; Autoficção; História; Testemunho

HHhH, de Laurent Binet (literatura francesa; romance histórico); *Diário da Queda*, de Michel Laub (ficção brasileira); *K*, de Bernardo Kucinski (ficção brasileira); e *O Irmão Alemão*, de Chico Buarque (romance brasileiro) são obras híbridas que apresentam uma relação ambígua entre ficção e realidade. Como essas, há inúmeras outras, publicadas principalmente a partir dos últimos anos de século XX, cujo teor oscila entre fatos empíricos e fatos ficcionais, provocando o leitor, que precisa tomar uma decisão de como ler essas obras.

O objeto de estudo, neste artigo, é *O Irmão Alemão* (2014). Seu autor, Chico Buarque, é personalidade amplamente conhecida por um número muito grande de brasileiros. Se se pensar nos brasileiros com algum tipo de vida acadêmica, pode-se quase dizer que os que o conhecem estão na faixa dos 100%. Como compositor popular, grava seu primeiro compacto em 1965, com as músicas "Pedro pedreiro" e "Sonho de um carnaval", esta participante do Festival da TV Excelsior no mesmo ano². Começa então uma carreira que dura até o presente, como compositor de música popular brasileira, como dramaturgo e como romancista, além de algumas incursões como ator de cinema e de teatro.

Dados de sua trajetória artística e de sua vida privada são conhecidos, como o fato de se chamar Francisco Buarque de Hollanda (1944) e de ser filho do sociólogo, historiador e jornalista Sérgio Buarque de Holanda (1902 - 1982). Na obra em questão, o narrador é Francisco de Hollander, cujo apelido é Ciccio (como é chamado pela mãe, Assunta, que é italiana, e Ciccio é forma diminutiva carinhosa de Francisco). O pai do narrador é Sergio de Hollander, um intelectual que vive cercado de livros:

¹ Doutoranda em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista da CAPES.

² Informações presentes no site do compositor: <<http://chicobuarque.com.br/>>. Acesso em 12 set. 2017.

Calma Ciccio, disse minha mãe, quando já crescido lhe perguntei por que meu pai não escrevia um livro, uma vez que gostava tanto deles. Ele vai escrever o melhor libro del mondo, disse arregalando os olhos, ma prima tem que ler todos os outros. A biblioteca do meu pai contava então uns 15 mil livros. No fim superou os vinte mil, era a maior biblioteca particular de São Paulo [...] (BUARQUE, 2014, p. 18-19).

A respeito de Sérgio Buarque de Holanda pode-se acrescentar que, entre 1929 e 1930, morou na Alemanha como correspondente dos *Diários Associados*³. Em Berlim, entrevistou o escritor Thomas Mann, e publicou a entrevista/reportagem “Thomas Mann e o Brasil” em *O Jornal*, em 16 de janeiro de 1930:

A MÃE DOS IRMÃOS MANN, d. Júlia Bruhn da Silva, que faleceu em 1922, com 70 anos de idade, era filha de um alemão que possuía no Brasil uma fazenda e que se casara com uma crioula, provavelmente de sangue português e indígena. Aos seis ou sete anos foi trazida por seu pai a Lübeck, onde teria melhores possibilidades de uma educação e de uma instrução exemplares. A futura Frau Júlia Mann nunca se esqueceu de sua infância no Brasil [...] (HOLANDA, 1930, s. p.).

Em entrevista a Augusto Massi, em 1994, Chico Buarque fala sobre essa época da vida do pai: “[...] Meu pai viveu na Alemanha no começo dos anos 30, morou dois anos e veio embora (BUARQUE, 1994, s. p.). Em *O Irmão Alemão*, o narrador Ciccio conta:

Eu de fato poderia contar sem mentir que em 1929 meu pai entrevistou Thomas Mann no suntuoso Hotel Adlon, no bulevar Unter den Linden. [...] o Thomas Mann tinha vergonha da mãe brasileira. [...] devia ser porque d. Julia da Silva Bruhns Mann, com seu sangue de índio e português, falava alto, ria demais e flertava com meio mundo nos salões de Munique [...] (BUARQUE, 2014, p. 52-53).

Ficção e realidade amalgamam-se, ainda, no evento que dá título à obra, pelo fato de Francisco de Hollander, filho de Sergio de Hollander, ter um irmão alemão. Na já citada entrevista a Augusto Massi, Chico Buarque revela:

Já mais velho, quando fui morar no Rio de Janeiro, mas garoto ainda, fomos visitá-lo [o Manuel Bandeira]. Fui com o Tom e o Vinícius. Foi um encontro interessante. Ele tocou um pouco de piano e começou a contar umas histórias do meu pai. “Ah! o Sérgio”... e no meio de algumas lembranças ele mencionou “aquele filho alemão”. Eu perguntei: “Que filho?” Eu não sabia que meu pai tinha tido um filho na Alemanha. O Vinícius me perguntou: “Você não sabia?” Eu disse: “Não”. Era um pouco segredo lá em casa. Meu pai tinha tido um filho

³ Empresa fundada por Assis Chateaubriand em 1924. Hoje, os Diários Associados são um poderoso conglomerado de mídias no Brasil, incluindo, como veículos e empresas do grupo, jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão, internet e unidades gerenciadoras desse grupo. Informação disponível em: <<http://www.diariosassociados.com.br/>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

alemão antes de casar. Eu fiquei muito chocado e quando pude ir a São Paulo perguntei ao meu pai sobre isso. No começo ele não quis falar, mas depois abriu o jogo (BUARQUE, 1994, s. p).

Revelando um pouco mais sobre o assunto, Chico Buarque diz:

Eu só sei que mais tarde, durante a Guerra, a mãe desse menino mandou uma carta a meu pai pedindo para ele enviar documentos provando que não tinha sangue judeu. Minha mãe, que sempre se ocupava das coisas práticas, foi quem descolou os papéis provando que meus avós e bisavós não tinham sangue judeu. Os papéis foram entregues ao Consulado Alemão aqui no Brasil. Foi a última notícia que se teve dela e do filho (BUARQUE, 1994, s. p).

Na ficção, o narrador encontra uma carta datada de 21 de dezembro de 1931 "[...] endereçada a Sergio de Hollander, rua Maria Angélica, 39, Rio de Janeiro, Súdamerika, tendo como remetente Anne Ernst, Fasanenstrasse 22, Berlin" (BUARQUE, 2014, p. 8). Nessa carta, que Ciccio consegue que um conhecido traduza, Anne Ernst dá notícias do filho Sergio e informa que talvez se ligue a um pianista de nome Heinz Borgart e, assim, dê um verdadeiro lar ao filho.

A obra *O Irmão Alemão* é construída, como comprovam os trechos selecionados, de fatos ficcionais que têm suporte empírico. Se é apresentada como "romance brasileiro"; se na ficha catalográfica há a ressalva: "Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles" (BUARQUE, 2014, s. p), que conceito de ficção é preciso utilizar para dar conta de obras como essa?

O que é ficção?

Em sua tese de doutorado, Fabíola Padilha inicia uma discussão sobre fatos empíricos e fatos fictícios e, para isso, reporta-se ao início do romance *Nove Noites*, de Bernardo Carvalho. Esse romance inicia-se com o seguinte enunciado:

1. Isto é para quando você vier. É preciso estar preparado. Alguém terá de preveni-lo. Vai entrar numa terra em que a verdade e a mentira não têm mais os sentidos que o trouxeram até aqui. [...] Pergunte aos índios. Qualquer coisa. O que primeiro lhe passar pela cabeça. E amanhã, ao acordar, faça de novo a mesma pergunta. [...] E a cada dia receberá uma resposta diferente. A verdade está perdida entre todas as contradições e disparates. [...] deixo este testamento [...] (CARVALHO, 2006, p. 6-7).

Segundo Padilha, o narrador de *Nove Noites* apresenta "[...] um limiar que, para ser transposto, requer a suspensão de valores encarregados de demarcar a fronteira entre

verdade e mentira [...] (PADILHA, 2007, p. 39). Essa reflexão reporta o leitor a uma parcela da literatura contemporânea, nas quais há um jogo entre fatos empíricos e fatos ficcionais.

Para o leitor, é preciso, então, fazer um pacto de leitura ao se interessar por obras como a em estudo, que trazem elementos autobiográficos e/ou históricos reelaborados pela imaginação. Para que esse pacto funcione, no entanto, há que se ter bem claro o que é ficção.

Jovita Maria Gerheim Noronha afirma que Doubrovsky "[...] combina dois pactos: o autobiográfico-referencial - tal como o define Lejeune⁴ - e o romanesco [...]" (NORONHA, 2010, p. 251), produzindo um outro conceito de ficção:

[A autoficção] talvez se aloje na imagem de si no espelho analítico, "a biografia" instaurada pelo processo de cura é a "ficção" que se lerá pouco a pouco, para o sujeito, como a "história de sua vida". A "verdade", aqui, não seria como a cópia autenticada obviamente. O sentido de uma vida não existe em parte alguma, ele não existe em si. Não se trata assim de descobri-lo, mas de inventá-lo, não inteiramente, mas através de seus rastros: ele terá de ser *construído*. Assim é a "construção" analítica: *Fingere*, "dar forma", ficção, que o sujeito vai incorporar. Sua verdade é testada, como o transplante em cirurgia: aceitação ou rejeição. O implante fictício que a experiência analítica propõe ao sujeito como sua biografia verídica é verdadeiro quando "dá certo", ou seja, quando permite ao organismo (melhor) viver (DOUBROVSKY, 1988, p. 77 *apud* NORONHA, 2010, p. 252, tradução de NORONHA).

Nessa perspectiva, o que importa é a construção desse sujeito que se (auto) ficciona. Ao recuperar ocorrências, fatos empíricos, o eu que se narra (re) cria o sentido da vida, rearruma os fatos, traz à tona o que interessa a ele, incorpora como verdade a fundação de uma existência a partir de vestígios dela, num processo de modelagem. Doubrovsky utiliza o termo *fingere*. Uma pesquisa sobre o sentido dessa palavra revela:

fingo, -is, -ere, finxi, finctum, v. tr. I- Sent. próprio: 1) Modelar em barro, depois: modelar em qualquer matéria plástica (Cíc. De Or. 3, 177). Donde, por extensão: 2) Moldar (sentido físico e moral), esculpir, reproduzir os traços, representar (Cíc. De Or. 2, 70); (Cíc. Tusc. 3, 31); (Cíc. De Or. 3, 26); (Cíc. Or. 7). II- Sent. figurado: 3) Imaginar, inventar, produzir, criar, fingir (Cíc. Verr. pr. 15); (Cíc. Br. 292); (Cíc. Lae. 18) [...] (FARIA, 1962, p. 399).

A acepção própria e a figurada desse verbo reforçam o sentido de criar, de inventar um sentido para a vida "[...] não inteiramente, mas através de seus rastros [...]", como afirmado acima por Doubrovsky *apud* Noronha. Esses rastros podem ser

⁴ O pacto autobiográfico, para Lejeune, seria a "[...] afirmação, no texto, da identidade entre autor-narrador-personagem, remetendo em última instância ao *nome* do autor, escrito na capa do livro" (LEJEUNE, 2008, p. 14 *apud* NORONHA, 2010, p. 243).

identificados pelo leitor em situações ou dados conhecidos da vida do autor empírico e que se reproduzem na ficção, sendo, assim, o leitor e o ato de recepção primordiais para essa compreensão.

Eurídice Figueiredo pontua:

Lejeune, ao falar de pacto, põe ênfase na recepção, portanto no ato de leitura, que leva em consideração também os dados que formam o extratexto ou paratexto (prefácio, posfácio, quarta capa, entrevistas). Os gêneros apresentados seriam as memórias, a biografia, o romance pessoal, o poema autobiográfico, o diário e o autorretrato ou ensaio" (FIGUEIREDO, 2013, p. 26).

Todos esses elementos ajudam a reforçar um novo conceito de ficção, que se torna necessário para dar conta da leitura de obras tão especiais como *O Irmão Alemão*. São muitos os teóricos que têm refletido sobre o assunto. Evando Nascimento afirma que

O que há de verdadeiramente ficcional num romance ou num conto é menos a definição do gênero ficção como oposto à realidade, como mera ilusão, portanto, do que como impossibilidade de discernir os limites entre ficção e realidade. O fictício do ficcional reside na impossibilidade do limite absoluto, e não na natureza dos territórios demarcados (ficção x realidade). *A ficção está no limite e não nos territórios discursivos, nos gêneros*. Essa é a instável novidade da autoficção, e não a identificação simplista entre narrador e autor [...] (NASCIMENTO, 2010, p. 199).

Nascimento alerta para a impossibilidade de se fixar um único sentido, de se dicotomizar os conceitos, de se estabelecer limites entre os fatos empíricos e os ficcionais. Nesse sentido, ter o narrador o mesmo nome do autor não é o que caracterizaria a autoficção. O sujeito que narra o que aconteceu o faz de forma performática, uma vez que o passado *passou*, não é recuperável em sua totalidade. Como um ator, o narrador faz um espetáculo a partir do que a memória lhe legou, recriando o *real*. Não quer dizer que minta, pelo menos deliberadamente, pressupõe o leitor. Essa performance está no cerne da autoficção.

Autoficção e história

A narrativa do romance *O Irmão Alemão* é construída de forma vertiginosa, com inúmeros fatos se sucedendo num tempo histórico bem demarcado: o momento conturbado que antecede a instauração da Ditadura Militar no Brasil, em 1964, a vigência da ditadura, os anos de maior repressão, as prisões, as torturas, as mortes.

Thelonious, um amigo do narrador, some; o irmão Mimmo desaparece; passeatas, bandeiras vermelhas, manifestações são proibidas.

François Dosse, em ensaio sobre "A história entre a literatura e a cientificidade", afirma:

Superar o empirismo e tornar pensável uma articulação de nosso passado com o presente para lhe dar sentido, essa deve ser a ambição de uma nova história que está por ser construída por meio de uma dialética das durações que integre tempo longo e acontecimentos, permanências e rupturas. Está também para ser construída uma história literária que evite dois escolhos: a negação da historicidade e a singularidade do texto literário. É preciso, antes de mais nada, reintroduzir a historicidade no texto literário da mesma maneira como a nova história só poderá ser construída reivindicando um procedimento totalizador. Para fazer isso, cabe lembrar uma evidência frequentemente esquecida: o elo indissociável entre as obras literárias e o estado de desenvolvimento da sociedade que as viu nascer (DOSSE, 2001, p. 268).

É importante ressaltar que, em forma de romance, o fato histórico pode penetrar mais sensivelmente na percepção do leitor. Gravar datas e fatos na escola torna a história maçante e impessoal. Ao reintroduzir a historicidade no texto literário, pode-se conseguir, por meio da ficção, o interesse dos leitores pelos dramas que as pessoas viveram em diferentes momentos da história.

O narrador Ciccio vive um momento crucial da história do Brasil:

Com o cerceamento do centro acadêmico, os alunos de filosofia, ciências e letras costumávamos nos encontrar nos bares das redondezas, onde o boca a boca nos deixava ao corrente das manifestações contra a ditadura que se realizavam vez ou outra pela cidade, obviamente sem a publicidade e a repercussão das marchas católicas do passado.

E eu que não era de carregar faixas, ou de fazer coro a palavras de ordem, eu que na verdade nunca fui muito de andar em grupo, acabei tomando gosto por esses eventos. Circulava entre universitários e secundaristas, conheci militantes de organizações de esquerda, andei de braço com artistas, jornalistas, informantes, desocupados, malucos e moças insolentes com as pernas de fora que me lembravam a Maria Helena (BUARQUE, 2014, p. 49).

Posteriormente, com a promulgação do AI-5⁵, as manifestações contrárias são proibidas e o horror se torna prática recorrente da ditadura militar. Ciccio conta:

⁵ O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

[...] quando guincham pneus na esquina e vejo entrar na rua um camburão que breca de repente. E arranca num zás-trás, deixando um homem acocorado no meio da rua, um rapaz de cabelos pretos mais ou menos da minha idade. Com o corpo teso e as duas mãos no chão, como um corredor na linha de partida, o rapaz olha para um lado e para o outro, olha para o céu sem arco-íris. E ao primeiro tiro larga a mil em direção à rua de onde veio, talvez no intuito de voltar para a casa dos amigos, da namorada, da mãe. Antes da esquina estaca, rodopia, corre de volta para cá, e é quando a fuzilaria se intensifica. Eu não gostaria de ver sua cara, e de fato não vejo porque explode, a cabeça dele explode antes que eu possa fechar os olhos. Quando os reabro vejo o rapaz que ainda foge, mas sem a cabeça, é um corpo sem cabeça que corre uns dez metros, botando sangue pelo pescoço, pela barriga e pelo cu, quando tomba não muito longe do pensionato. Logo depois vem o segundo camburão, que pelo menos tem a misericórdia de não esmagar o corpo, antes de o recolher pela porta traseira e partir (BUARQUE, 2014, p. 99).

Mortes, torturas, execução simulada de troca de tiros com terroristas, desaparecimento de pessoas, sumiço de corpos foram práticas de que o regime de exceção se valeu. O livro de Chico Buarque traz à tona essas práticas e traça um painel pungente desse momento da história do Brasil.

Conclusão

No prefácio da obra *O Pequeno X: da biografia à história*, Sabina Loriga pontua:

Desde o fim do século XVIII, os historiadores se desviaram das ações e dos sofrimentos dos indivíduos para se dedicarem a descobrir o processo invisível da história universal. Múltiplas razões os conduziram a abandonar os seres humanos para passar de uma história plural (*die Geschichten*) a uma história única (*die Geschichte*) (LORIGA, 2011, p. 11).

Loriga discorre sobre as razões que menciona acima, e cita Hannah Arendt em carta a Karl Jaspers: "Não sei o que é o mal absoluto, mas parece-me que tem a ver com o seguinte fenômeno: declarar os seres humanos supérfluos enquanto seres humanos" (ARENDR *apud* LORIGA, 2011, p. 12).

A literatura, nas muitas modalidades de escrita literária que recorre a fatos empíricos, pode resgatar a importância dos seres humanos no percurso da história, dando dimensão maior aos dramas por eles vivenciados.

Referências

BINET, Laurent. *HHhH*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BUARQUE, Chico. Chico Buarque volta ao samba e rememora 30 anos de carreira. Entrevista concedida a Augusto Massi para a Folha de São Paulo em 09/01/1994. Disponível em:

<http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/entre_09_01_94.htm>. Acesso em 12 set. 2017.

_____. *O Irmão Alemão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Site oficial. Disponível em: <<http://chicobuarque.com.br/>>. Acesso em: 12 set. 2017.

CARVALHO, Bernardo. *Nove Noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DOSSE, François. "A história entre a literatura e a cientificidade". In: *A história à prova do tempo: Da história em migalhas ao resgate do sentido*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: UNESP, 2001.

FARIA, Ernesto (Org.). *Dicionário escolar latino-português*. 3. ed. Rio de Janeiro: Campanha Nacional de Material de Ensino / Departamento Nacional de Educação / Ministério da Educação e Cultura, 1962.

FIGUEIREDO, Eurídice. Formas e variações autobiográficas. A autoficção. In: *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 13-74.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Fonte: O Globo On Line - Segundo Caderno - 13/07/2002. Disponível em: <<http://www.siarq.unicamp.br/sbh/trecho.html>>. Acesso em: 12 set. 2017.

KUCINSKI, Bernardo. *K: relato de uma busca*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LAUB, Michel. *Diário da Queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LORIGA, Sabina. *O Pequeno X: da biografia à história*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

NASCIMENTO, Evando. Matérias-primas: da autobiografia à autoficção - ou vice-versa. In: NASCIF, Rose Mary Abrão; LAGE, Verônica Lucy Coutinho (Org.). *Literatura, crítica, cultura IV: interdisciplinaridade*. Juiz de Fora: UFJF, 2010, p. 189-207.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Notas sobre autobiografia e autoficção. In: NASCIF, Rose Mary Abrão; LAGE, Verônica Lucy Coutinho (Org.). *Literatura, crítica, cultura IV: interdisciplinaridade*. Juiz de Fora: UFJF, 2010, p. 241-254.

PADILHA, Fabíola. *Expedições, ficções: sob o signo da melancolia*. Vitória: Flor&cultura, 2007.